



Quinzenário • 31 de Maio de 2014 • Ano LXXI • N.º 1832 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

VÁRIAS vezes nos tem procurado. A vida é-lhe cheia de dificuldades. Nestas, além da própria doença, carrega o desempregado do marido e os vícios de um filho.

Os tratamentos da hemodiálise, a que três vezes por semana se sujeita, debilitam-na muito. Chega sempre dorida e fraca pelos sofrimentos a que se vê submetida. Continuamente pensa em desistir de os fazer, mas não tem saída para que possa continuar a viver.

Em casa, o filho trata-a mal quando vem sob os efeitos da droga. Dizem-lhe para se queixar na polícia, mas o seu coração de mãe não a deixa fazê-lo: — *Ele é meu filho... Alimento-me mal... Que ando cá a fazer?*

Resignada às consultas, tratamentos e actos ofensivos do filho, persiste na sua vida de pobreza heróica. Nada consegue resolver.

A geração actual está mentalizada e habituada a resolver todas as dificuldades por suas próprias mãos. A sociedade actual vem sendo encaminhada para tudo resolver e a nada se resignar. Perante uma dificuldade não se dispõe a lutar e a



Coabitam em prédios como estes, a pobreza, o abandono, a dor... Os cireneus continuam a ser indispensáveis.

sofrer para a debelar; em vez disso, tem de a eliminar. Se é um ser humano que se gerou e não é desejado, aborta-se. Se é uma doença que não tem cura, aceita-se a eutanásia moral ou de facto. Se é alguém que surge como limite ou obstáculo ao próprio desejo, condena-se ao degredo ou elimina-se ainda que só da relação...

A geração actual não se sente responsá-

vel pelo outro. Não está disposta a sofrer pelo outro. É uma geração marcada pelo individualismo.

Sempre houve impossibilidades para o homem. Apesar dos grandes progressos desta civilização, não está na sua mão a capacidade de tudo resolver. A cruz na vida humana é o modo cristão

Continua na página 3

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

AS dores e a opressão dos Pobres são o tema contínuo do *Património*.

Esperava por mim, uma série de horas, com um menino de ano e meio ao colo e uma filha de seis.

A senhora deu-lhes uma sopa e ela aguardou, em sofrimento e esperança, a minha chegada.

Por onde estava, passei duas vezes, esperando que se me dirigisse. Ou não me identificou ou sofria de um acanhamento invencível. A criança, irrequieta, tentava sair do colo da mãe e, esta, com medo de incomodar, impediu-a, apertando-a contra o seu peito.

— *Oh senhora... Deixe o menino à vontade. Tem aqui tanto espaço. A criança não se magoa nem incomoda ninguém! O que é que me quer?*

— *É o senhor padre?*

— *Venha cá, sente-se e diga.* — Fi-la entrar no escritório. Afligi-me muito a incapacidade da mãe para apaziguar a criança que berrava e espeznhava, manietada por embaraço conflagrador.

A mulher começa por me dizer que já levava comida, mas a renda da casa era o pior.

O pai das crianças abandonou-a, não quer saber e está com outra.

Depois de perguntar pela sua morada, ainda lhe alvitrei que fosse ter com o pároco e lhe pedisse uma carta de recomendação, na expectativa de me certificar melhor.

Ir com as crianças a pé, carregada com os sacos, para Setúbal, encontrar-se com o prior

e voltar de novo, sem a certeza que o padre fosse a sua casa e me informasse... Uma série terrível de interrogações me bailaram, de repente, no coração. Fez-se luz no meu espírito e pronto... Passei-lhe o cheque.

Tem promessa de trabalho na Tróia, através do qual poderá aguentar-se por algum tempo. Os filhos são uma prisão saudável e uma segurança afectiva, mas a gente fica destrozado com a vulnerabilidade a que os pobres estão sujeitos. Ela é uma pessoa nova, engraçadinha, sem amparo! O mundo é tão ilusório e a sua situação tão amargurada, que eu fico suspenso, temendo o pior.

Sei de tantas mulheres que se lançaram na prostituição por causa da comida e da casa. Outras se venderam a chulos pestilentos e quantas são vítimas da traficância que está na moda.

Nunca me tinha apercebido, nem chocado tanto, como após ouvir o relato de uma amiga, a trabalhar em Lisboa, no meio de mulheres de má vida. Segundo ela, são muitas as vítimas deste horrível e vergonhoso negócio, vindas do Leste e de África.

Se, na História Humana, a escravatura é uma vergonha social e o seu *terminus* legal uma vitória da Humanidade, estamos muito longe de conseguir o reconhecimento verdadeiro da dignidade da mulher.

As formas de escravatura multiplicam-se. Para a libertinagem e o enriquecimento de ambiciosos sujeitos, outras são sacrificadas.

Uma menina africana, de dezoito anos,

sem grande jeito para atrair (homens?), tem de arranjar, diariamente, para o seu traficante, cem euros! Se não conseguir, leva uma tarefa, para não dizer a expressão popular, uma carga de pancada.

Ele domina-a, ameaça-a, enche-lhe a alma de terror, e ela não tem com que se defender. O medo em que vive é tão abrangente que nem sequer admite a denúncia, receando a morte.

Imaginamos o que sofre uma jovem desta idade, sem conhecer a língua, sem poder desabafar com ninguém a sua tremenda situação, sem contactos com a família, perdida numa enorme cidade, sob uma opressão destas.

É hediondo o tráfico de pessoas!... E como combatê-lo se as portas aos criminosos estão escancaradas? Eles podem levar por adiante os seus negócios, explorando vítimas, arrecadando o maldito dinheiro e ganhando, assim, mais poder e influência.

«*Acaso não o advertirão todos os obreiros da iniquidade que devoram o meu povo como quem come pão?*» — Diz o Salmista, contemplando a infelicidade dos oprimidos. E continua: «*O ímpio vangloria-se das suas ambições (...) e diz na sua arrogância: não há quem me castigue. Deus não existe. A sua boca está cheia de maldição, perjúrio e mentira e, na sua língua, só há malícia e iniquidade. Faz emboscadas junto às povoações e mata, à traição, o inocente. Agacha-se, deita-se por terra e, nas suas garras, caem os desgraçados!*»

Eis como Deus nos revela e prevê a tragédia social, provocada pela estúpida sabedoria humana, que julga conduzir-se apenas por projectos legais. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

SÓ quando venho ao computador para cartas ou O GAIATO, é que me confronto com a data. Fora isso, nunca sei a quantas ando. O tempo é breve, e não vale contar os dias, que estes vão acabar. Há-de sobreviver no pensamento a angústia de deixar muito por fazer. Muitos Rapazes não estão espiritualmente estruturados. Mas a nossa garantia está em Deus e a Obra está em Suas mãos misericordiosas. Pai Américo foi um profeta para o seu tempo; mas, como todos os profetas, ouvido e compreendido só pelos corações bondosos dos Pobres que ele servia, abraçava e beijava como uma Madalena indigna, aos pés de Jesus. Soube alicerçar a Obra da Rua no mistério divino do amor pelos homens. Tudo de humano que saia dessa órbita é caduco. *Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes*, é o gérmen mais puro da democracia verdadeira.

Como entender que as melhoras da psicologia actual levem, em Portugal, a reduzir uma casa de educação de Rapazes “vulneráveis” a dezasseis, sendo mais a sociologia empregatícia que eles? Se a ocupação do tempo, livre do estudo, deve ser em tarefas que eles próprios podem fazer e sem dar por isso, como quem brinca, se vão desapegando dos males da Rua e aprendem o gosto de comer o pão com o suor do seu rosto? Como fazer nascer o sentido da responsabilidade, sem que aprendam a dar contas das tarefas confiadas, mormente a ajuda na educação dos irmãos mais novos? Como embê-los do espírito de família que há-de ser sempre o segredo da estabilidade de qualquer sociedade humana, se até as empresas comerciais procuram esse caminho. Como hão-de alguma vez, e com carinho, chamar de pai e mãe senão em Família verdadeira que nunca tiveram?

É bela a tradição africana em que os espíritos dos antepassados são a indestrutível raiz da família. Cada vez que procuramos saber donde vieram os nossos Rapazes, temos de ir até ao avô, pelo menos, para descobrir quem são os pais. Faz-nos remontar aos tempos bíblicos, e não só, pelo que tenho lido.

Quando Pai Américo começou o *Património dos Pobres* a nível nacional, quem o entendeu melhor senão os Pobres, que querem tenda com que se entendam? Hoje, sem se dar conta de que foi ele o pioneiro da justiça social, fizeram-se e deitam-se abaixo prédios de muitos andares, pela degradação de quem lá mora e das moradias que irresponsavelmente entregues a quem não soube utilizá-las, porque a tempo não foi preparado e a casa não é sua. Por isso, põe-se na rua quem não tem para onde ir e não pode pagar renda, água e luz, por falta de emprego. O que foi feito num sentido de justiça, vira um crime de injustiça.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

O QUE É UMA NECESSIDADE BÁSICA? — Chegou-nos, há dias, o alerta para a situação de uma pessoa, que estamos a procurar investigar, com necessidade de substituição de um electrodoméstico (máquina de lavar roupa) que lhe faz muita falta, mas para a qual, alegadamente, não tem possibilidades económicas de responder. Não estamos aqui a falar de necessidades como a alimentação, o vestuário, ou o alojamento, mas de um electrodoméstico que, embora hoje em dia alivie muito a carga de trabalho doméstico de quem tem que o fazer, apesar disso, alguns podem questionar se é de ajudar neste tipo de casos ou não.

Como disse, estamos a averiguar melhor a situação e se nos parecer justo ajudarmos, assim faremos.

Damos-vos conta disto aqui não só para que saibam o tipo de situações com que vamos lidando, mas também porque nos parece que está aqui uma que se poderá estar a generalizar nos dias de hoje, ou seja, famílias que, embora possam ir tendo o suficiente para prover às necessidades mais básicas, dificilmente conseguem ir além disso. Por isso, a sua qualidade de vida degrada-se, nalguns casos com impactos muito negativos para o seu presente e futuro. É o frigorífico ou a máquina de lavar que avaria e não pode ser substituída. É o custo com a educação dos filhos que se torna incomportável e, por isso, são mudados de escola, ou mesmo retirados da escola, se já não estiverem no ensino obrigatório.

São formas novas de pobreza a que as Conferências Vicentinas, incluindo a nossa, estão atentas, juntamente com outros que também se preocupam com os problemas sociais. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

José Martins

Há muito tempo que não damos sinal de vida no nosso Jornal. Não é sinónimo de que tenhamos estado inactivos, mas, sim, falha de comunicação, do que nos penitenciamos.

Na sequência do Cabaz de Natal, proposto no artigo anterior, temos dado apoio alimentar e medicamentoso a três dos nossos associados, graças às respostas que tivemos ao nosso apelo, particularmente o grande contributo da nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

Aproxima-se o Verão e com ele o nosso Encontro Anual. Está

marcado para 29 de Junho. Lembremos que é ano de eleições para os Órgãos Sociais, pelo que será muito importante a presença do maior número de associados, e o empenho de todos para que haja renovação dos mesmos. O programa será muito semelhante aos dos anos anteriores. Brevemente será enviada a convocatória para a Assembleia-Geral, bem como a discriminação do respectivo programa do Encontro Anual.

Damos ainda conhecimento de que está programado um convívio na Senhora da Piedade, em Tábuas,

Miranda do Corvo, no dia 7 de Setembro do corrente ano. Voltamos assim ao tradicional ponto de encontro de Setembro, depois de termos estado, nos dois anos anteriores, nos locais anteriores a este, São Pedro de Alva e Vila Nova do Ceira, em que o nosso Pai Américo proporcionou Colónias de Férias e promoção social a centenas de crianças da cidade de Coimbra.

Vamos todos contribuir para a dinamização da nossa Associação, com as nossas ideias, iniciativas e presenças. Quantos mais formos, mais força teremos. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGROPECUÁRIA — Neste tempo de Primavera, efectuaram-se algumas tarefas agrárias nos campos. Assim, por causa da grande quantidade de ervas daninhas, teve mesmo de se deitar herbicida no pomar e na cultura do milho. Trataram-se contra as moléstias as videiras e as batateiras. O batatal da *terra dos grilos* está bonito. O feijoaal, na nossa horta, já germinou.

Como a chuva veio a 19 de Maio, continuou-se a descarolar milho e a rachar troncos antigos, que depois foram arrumados no barraco.

ESCOLAS — A 19 e 21 de Maio, os Rapazes que frequentam o 4.º e o 6.º ano de escolaridade fizeram exames a Português e a Matemática.

Como se prepararam, na Escola

e no nosso Centro de Estudo, esperamos que os resultados sejam positivos.

DESPORTO — Aos Sábados, às 15.00h, sempre que possível, os Rapazes têm treino desportivo no campo grande. No campo de ténis, nos recreios, entre nós, fizemos equipas e jogámos um torneio de futebol renhido. □

PAÇO DE SOUSA

Bruno Alexandre

TRABALHOS — Neste tempo, depois das chuvas, têm crescido muitas ervas nos caminhos da nossa Casa. Por isso, os nossos Rapazes ocupam-se a rapá-las, para que tudo fique limpo e agradável.

Outros Rapazes, andaram a preparar o terreno à volta das árvores, nos pomares, para daqui por algum tempo, as regar.

Normalmente aproveitamos os dias livres da escola, como quando há exames ou feriados, para termos a nossa Aldeia mais apreciável.

VISITAS — Há dias tivemos a honra de receber na nossa Casa o Padre Rafael, responsável pela

Casa do Gaiato de Malanje. Conviveu connosco e foi especialmente uma alegria para o nosso Fausto, porque foi pela mão do Padre Rafael que ele veio de Malanje para Portugal, para tratar da sua saúde. Esperamos para o ano a sua próxima visita.

POMAR — Já temos mais três aves nos galinheiros do nosso pomar. São chamadas «Fracas». Há quem diga também chamarem-se «Galinhas da Índia». O nosso amigo Sampaio é que as deu e nos tem andado a ajudar a criar os animais. Já se está a começar a ver evoluções na criação das ninhadas de patos, garnisês e coelhos. □

FALANDO DE MIM

Eu sou o Diogo Miguel, mais conhecido por Madeira e nasci a 14 de Março de 2000. Vivia na Azóia de Cima, Santarém. Vim para esta Casa do Gaiato a 5 de Novembro de 2008, porque os meus pais e a minha avó não puderam tomar conta de mim e do meu irmão João. Frequento o 6.º ano de escolaridade, tenho a tarefa de tratar do gado, da nossa quinta, e gostava de tirar um curso de gadeiro. Ando na catequese e vou fazer a Primeira Comunhão. Participo nos teatros, sou benfiquista e gosto muito de jogar à bola. Um abraço para os nossos leitores!

Diogo



SETÚBAL

Padre Acílio

Motards

DIRIGENTES de vários clubes de *motards*, sobretudo dos que mais se empenharam em fazer da concentração, um motivo de angariar alimentos para nós e para os pobres, reuniram-se connosco, logo no domingo a seguir, para fazer um balanço e almoçar com os rapazes.

A mesa é um lugar privilegiado para os homens se conhecerem e se amarem. Para pessoas adultas é mesmo a melhor maneira de as pôr a conviver com os rapazes, para sentirem o valor e a dignidade de uma Casa do Gaiato e se surpreenderem com o resultado de uma pedagogia nova.

Os rapazes confeccionaram e serviram o almoço com aprumo e fidalguia.

Estes *motards*, alguns com as suas esposas, não ficaram assim, só no *átrio dos gentios*, mas entraram mesmo nas proximidades dos



filhos de Deus, manifestando-nos quão felizes se sentiram nos peditórios, à porta dos supermercados, e a alegria que gozaram ao ver entrar, no grande camião, a mercadoria para a dispensa da Casa.

Os clubes são formas novas de as pessoas se agruparem, para satisfazer a inclinação natural dada ao homem de se associar na comunhão com outros apreciando os valores comuns.

Gente com necessidade de algum desejo de ir além dos motos, dos cigarros, da cerveja e chegar a Deus!

A Obra da Rua vive para pescar estes homens com as redes que os pobres e os rapazes tecem instintivamente. É a Igreja em saída, como anseia o Papa Francisco.

Para o próximo ano cá estaremos, noutra lugar para os motos e para os almoços. O campo

de futebol, situado próximo da vacaria, com o cheiro próprio das vacas, afastou algumas pessoas. No próximo ano, corrigir-se-á este inconveniente e os *motards* ficarão protegidos do sol, do vento e do mau odor, no pavilhão desportivo.

Surpresa rara

COM o final do ano e os exames à porta, surge a necessidade de estudar.

Ontem, como havia futebol para a final da taça, alterou-se o horário deste trabalho intelectual. Em vez das cinco às sete, passou-se para das três às cinco horas.

Mas nem todos cumpriram esta tabela, pois quando acabou, na televisão o espectáculo desportivo, ainda havia gente na sala de estudo que aguentou ali mais de quatro horas seguidas, agarrada

aos livros e não ligou nada ao futebol.

Antigos Gaiatos

AINDA temos algum tempo, mas é preciso prepararmos a vida para o grande Encontro do primeiro Domingo de Julho. Este ano calha no fim-de-semana, a 6.

Os abraços e as palmadas nas costas começam logo às nove da manhã, com beijos às esposas, às filhas e às netas.

Às dez horas, a Santa Missa dar-nos-á a Palavra de Deus, despertadora para a vida real, arrancando-nos aos sonhos da ilusão com que o mundo nos baralha.

O almoço é preparado com expectante alegria, na perspectiva de vos ver de novo à mesa nesta vossa Casa!



VINDE VER!

Padre Quim

A vitalidade da Palavra

A palavra é, em nossa Casa, um elemento importante de orientação educacional, de comunhão aos mesmos objectivos, e de vitalidade que dinamiza a convivência fraternal entre irmãos, vindos de vários pontos do País, atormentados pelas tempestades que as ondas do abandono agitaram contra a marginalização social de menores. O chefe faz o uso da palavra com a devida autoridade que é depositada pela Comunidade. Marca e risca com liberdade responsável. E quando, após a oração do Terço, tem de se chamar para o centro da sala uns e outros, por não terem comparecido a horas nas oficinas ou por não terem feito a devida obrigação, é a palavra dada que não é honrada. É a desvalorização do conceito honra que a própria palavra confere a quem diz e faz como disse.

Fomos ao Tribunal para entregar legalmente o “Pio”, rapaz de trinta anos que tinha sido abandonado pelos pais, e, por este motivo, a Casa do Gaiato o acolheu. O pai é vivo, a mãe também. O rapaz sofre de perturbações mentais, com uma epilepsia de crises constantes. Em Angola não há ainda a funcionar centros psiquiátricos para acolhimento destes casos. A Casa do Gaiato não pode. Bastam os truques da própria gaiatada normal. Em Luanda passaram-lhe uma receita e mandaram-no para casa em estado psiquicamente patológico. No Huambo a mesma cena. O Tribunal entregou-o ao cuidado dos pais. Já apareceu na nossa Casa outra vez, e, agora, anda sem paradeiro certo. Ao que parece, até a palavra da Autoridade competente não basta para serem assumidas as responsabilidades familiares. Quando falta o amor, falta tudo.

Já arrancou a fase do Censo populacional, motivo que fez parar as aulas no mês de Maio. Ainda não sabemos a modalidade que há-de ser seguida pelos agentes para com a nossa Casa, por se tratar de uma família numerosa e não só. Somos um único agregado familiar, comemos a sopa do mesmo tacho.

Vivemos da generosidade daqueles que amam a Obra com todos os seus pobres à volta dela. Pessoas de longe e de perto, a maior parte dela desconhecida, que no seu silêncio e bondade abrem o coração e nos estendem as mãos com o que têm e podem dar-nos, para fazer com que seja possível fazer da criança abandonada um homem prestimoso e válido para si mesmo e para a sociedade. Não temos casernas por ser contra a natureza da criança. O seu Fundador não a quis no seu modelo educacional e pedagógico, por este mesmo motivo. Os senhores inquiridores têm as portas abertas para o seu bom trabalho. As autoridades governamentais falam da necessidade da colaboração de todos no referido acto. Nós fazemos parte “deste todo”, oxalá os senhores a quem cabe a missão de garantir o bem-comum e a estabilidade do nível de vida dos filhos desta jovem Nação não se venham a esquecer dos compromissos assumidos. Saber quantos somos como vivemos e onde vivemos para melhor se elaborarem políticas mais satisfatórias e reais com dados credíveis e assim garantir o bem-estar de todos os filhos gerados por esta mãe Pátria querida.

A palavra tem o seu peso, seja ela dita ou escrita. Ela é uma realidade viva que tem poder para libertar e para escravizar. Se a palavra não estivesse em crise neste Continente, berço da Humanidade, muito teria sido feito para garantir uma vida cheia de prosperidade para todos os seus filhos e com ela o conseqüente fim dos conflitos tribais étnicos e até mesmo partidários que vão adiando a hora da fraternidade entre os irmãos. Quanto custa ao homem ser senhor das suas próprias palavras?

O processo educativo é afectado, pois apesar dos exemplos serem muito fortes e convincentes, a palavra não deixa de ser a chave para escancarar as portas da educação da criança. Diz o livro Sagrado: “À Sua palavra tudo foi criado”. Quando se referia à acção criadora de Deus. □

OUTRAS CRIANÇAS!

Padre João

NESTA manhã fui à vinha. Não se chega lá de carro sem “parquear” junto à casa do Ti Zé e da Ti Francelina. E nisto, sem também «dois dedos» de conversa — que ambos se encontram sempre à porta prontos sempre prós tais...

Vinha decidido, na proximidade do seu dia mundial, a escrever uma nota para O GAIATO, sobre a Criança. Esta paragem junto de ambos, porém, conduziu-me noutro sentido; o do «humano», sempre. Não sei bem porquê, mas creio que é construtiva a intenção, fico satisfeito quando ouço esta expressão acerca dos idosos; mobilizadora de intenções louváveis e projectos exequíveis: «que são muitos deles senão crianças?» — mendigos de afecto e de desvelada atenção...

A nossa sociedade está envelhecendo «à vista desarmada» e a estatística não pára de considerar

o fenómeno como grave. Já e no futuro — como dizia o Ti Zé, acertadamente, até acerca do decréscimo de pedidos de acolhimento nas Casas do Gaiato: «Agora há outras casas, sabe...», contrariando a opinião da esposa que acentuava outras causas, para esta diminuição de pedidos.

Cruzo, de novo, o meu olhar com o deste simpático casal octogenário, sagaz e puro — como o das crianças —, enquanto vamos desfiando outras memórias antigas ou de um passado recente: «Quando casámos andava em construção a capela da Casa...», recorda o Ti Zé: «Eu ia lá levar-lhe o almoço; até almoçávamos lá dentro em cima de uns tijolos, ao meio da capela». Logo se apressa a memória da Ti Francelina, acrescentado: «muita roupa lavei à mão... era às carradas...!» Recorda, arrematando a memória: «Nunca me recusei a qualquer trabalho e fosse a que hora fosse...»

Agora, olhava para eles, ali, de corpo contorcido pela idade e pela doença. Não falam da sua

infância, sem «dias mundiais»: «Não vale a pena...!», dizem sem amargura. Lembram-se de muitas delas, infâncias de gaiatos, pequenos e grandes; algumas cheias de pormenores pitorescos. Viram muitos Rapazes crescer e tornar-se homens, no meio de muitas dificuldades, como era próprio das grandes famílias. Quando lhes pergunto se sabem quando é o Dia Mundial da Criança, recordam-se de um bisneto que ajudaram a criar e que agora voltou para o pai... Aqui os olhos da Ti Francelina pareciam duas bicas de água a correr da fonte...

Que seria das crianças que «restam...», se não fossem estes e outros avós como eles, também sofridos, de uma infância sem grande memória para os seus «próximos» e mais distantes? Até a própria vida identitária se «esboroaria», como tantas vezes acontece — não fosse um amor sofrido e vivido, como experiência de amparo recíproco; num dar de mãos, como se de um regresso se tratasse aos jogos de infância. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Ainda não chegou a hora alegre de repor na sociedade o Evangelho, viver-se o cristianismo à moda dos apóstolos, lançar por terra a mesa dos agiotas.

in Pão dos Pobres, III vol. p 107

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Continuação da página 1

de vencer essas impossibilidades. A vida de cada ser humano não se realiza plenamente aqui.

Ainda há muito a fazer. Os cireneus continuam a ser indispensáveis. Eles não resolvem mas ajudam.

Outra mulher, que vive sozinha, precisa de uma casa onde viver que lhe não traga compromissos de renda. A pequena pensão de que vive, mal dá para os medicamentos e as outras despesas básicas. Perto dela existem umas casinhas, desocupadas, de que Pai Américo impulsionou a construção. Estão a precisar de arranjo, esperando que o alheamento se quebre: — Não me importava de viver numa delas, mesmo como estão —, disse. Estão na mão da Igreja local. É assunto que se pode resolver. Por que se espera para que voltem a acolher quem delas precisa?

Os Pobres são os seus predilectos. Assim seja.

* * *

A celebração anual do aniversário da nossa Obra contará, desta vez, com a realização de um Encontro no local e data que a imagem reproduz. Em próximos números d'O GAIATO apresentaremos o respectivo Programa. Os nossos Amigos e Leitores façam o favor de o marcar nas suas agendas. O Auditório da Casa Diocesana de Vilar tem capacidade para receber várias centenas de pessoas. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

Continuação da página 1

Quem ouviu naquele tempo o seu clamor: Anda o trabalhador a mendigar o pão? É de hoje não é?

Nós por aqui, estamos num mar morto, porque em nome da pobreza se enriquecem uns poucos e os legisladores do estado de direito decretam mordomias escandalosas para si, enquanto por outro lado se tapa o sol, que escancara a pobreza absoluta, com a peneira esburacada da injustiça mais flagrante.

A Obra continua carregando a Cruz de cada dia e a subida ao Calvário faz parte da nossa vida. Ainda que outros queiram dar-nos a mão, pensando arrumar de vez com o sofrimento, não abdicaremos nunca, de tanto que há a fazer, de amar a Cruz de cada dia. Só Ela é redentora e o mundo o que precisa é de redenção. Não estamos sozinhos. □

Ver os irmãos, respirar a dignidade que os fez homens, lembrar os bons e os maus momentos; as guerras e as vitórias, as tristezas e as alegrias, num caldo de fraternidade, será o programa para este dia.

Não esqueças. Seis de Julho. Estarão connosco também, as Amigas e os Amigos de Castelo Branco. □

MALANJE

Padre Rafael

«Ser perdoado setenta vezes sete»

ERAM como unha e carne... dois grandes amigos. Zé sempre ajudou o Zeca economicamente: estudos, alimentação... qualquer necessidade. Mas, como sempre, a vida a tudo dá a volta. Passados anos, Zé precisou da ajuda de Zeca e este não lha concedeu por andar em seu mundo de ilusões.

Passadas semanas, Zeca, muito arrependido, pediu perdão ao Zé. Este, disse-lhe que havia resolvido o problema e que estava perdoado. A vida continuou e voltaram a ser amigos.

Rolaram os anos, encontraram-se para jantar e Zeca diz ao Zé: «Obrigado por me teres perdoado daquela vez em que te defraudei»; Zé ficou calado e Zeca continuou: «É a primeira vez, depois de seis anos, que o teu olhar não me recorda o mal que te fiz». Então, Zé contou:

«Há um par de meses, encontrei um padre da Casa do Gaiato e expliquei-lhe o quanto me era difícil perdoar algumas pessoas... que isso me fazia sentir ainda pior, quando eram pessoas muito queridas para mim... que sim, que lhes perdoava, mas um certo ressentimento ficava dentro de mim. Ele respondeu-me que todos os dias pedia perdão de tudo e quando tinha oportunidade de o escutar em viva voz, não a perdia. Depois, sorrindo, acrescentou que quando não tinha mais ninguém, ia a uma igreja, agarrava um padre qualquer e pedia-lhe que o deixasse ouvir esse: “Eu te perdo”. Terminou dizendo-me que quando alguém me

perdoa, aumenta a minha capacidade de perdoar... e a maior alegria do perdão alcança-se quando esquecemos o que perdoamos.»

Depois, Zé perguntou ao Zeca: «Diz-me, porque me pediste perdão naquele dia?» — E ambos começaram a rir.

O Governo decretou um Censo e suspendeu a Escola, em todo o País, durante o mês de Maio. Na Casa do Gaiato, aproveitamos para arranjar a Aldeia: limpeza, jardins, agricultura...

Como vim de férias, ficou na direcção da Casa a Irmã Marlene. Sempre que saímos de Casa, surge a oportunidade para demonstrar a ciência de que a Casa do Gaiato é *deles, para eles, por eles*. Uma oportunidade para que os chefes vão resolvendo os problemas de cada dia, como se o padre estivesse.

É tempo de começar a plantar hortaliças nas hortas: tomate, cebola, feijão... Graças ao lago e às valas, podemos regar sem quaisquer problema. Os Rapazes entre os 12 e 15 anos, são os encarregados da agricultura, orientados pelo respectivo chefe.

Também há tempo para descansar e para o desporto-rei, o futebol. Organizámos um mini campeonato que termina a 25 de Maio, e um par de visitas à barra do Kuanza e às Quedas de Kalandula (Duque de Bragança).

Aqui, em Portugal, tive oportunidade de ver o Fausto e me alegrar pela forma como está evoluindo o seu estado de saúde. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Sinais de esperança

A cidade de Benguela celebrou, ontem, mais um aniversário da sua fundação. São 594 anos de existência. A nossa Casa do Gaiato de Benguela está muito viva no coração dos seus filhos. Quem dera todo o respeito e carinho se traduzam em ajuda verdadeira para realizar a sua missão. Recordo os primeiros tempos, em que foram lançados os alicerces materiais, com a participação activa dos empresários benguelenses. Sentiram-se felizes com a vinda da Casa do Gaiato para Benguela. Eram extraordinariamente sensíveis aos problemas sociais referentes, sobretudo, ao abandono das crianças. Por isso, a Casa do Gaiato de Benguela seria a Casa de Família dos filhos abandonados. Os habitantes mais pobres, a viver em situação de miséria extrema, descobriram na Casa do Gaiato uma fogueira de amor à qual se aconchegavam para receberem o seu calor. Deste modo, com a ajuda extraordinariamente generosa do povo de Portugal e dos empresários de Benguela, foi possível a construção da nossa Casa do Gaiato de Benguela, há 50 anos.

Quem dera a nossa querida Angola, com a evolução das condições de vida, a nível das empresas e condições particulares numa parte da população, abrisse o seu coração para ajudar a resolver um problema social que continua muito grave. É a

situação dos filhos abandonados, em número muito elevado. A nossa Casa do Gaiato de Benguela continua a ser procurada, numa forma impressionante, para ser a Casa de Família da multidão dos filhos da rua. A sua subsistência, porém, é garantida pelos donativos que saem dos corações generosos. Há dias, recebemos a comunicação numa oferta depositada no Banco. Não perdemos tempo. Havia uma factura muito grande para pagar. Levantámos o dinheiro e pagámos a dívida. Estas provas de amor geram confiança e alimentam a nossa Esperança. Doutro modo, como podemos subsistir? Vivemos cem por cento para o bem comum, representado na pessoa dos mais pobres, mais abandonados. Queremos ser o canal, por onde circula a generosidade dos corações bons que ajudam a alcançar a felicidade dos filhos, vítimas inocentes da falta de amor.

O Curso de Informática, o 13º, continua a correr com muita normalidade, em nossa Casa. Os monitores, rapazes nossos, estão a dar boa conta da sua responsabilidade. É maravilhoso! Estes filhos, recolhidos no abandono, guardam um tesouro, autêntica riqueza humana, no seu coração. Com o seu trabalho põem a render os seus talentos, ao serviço dos seus irmãos que vivem debaixo do mesmo tecto e dum grupo de rapazes e meninas, de fora. Espe-

ramos um bom resultado, não só para a valoração do presente das suas vidas, mas, sobretudo, para o seu futuro. Esta dinâmica participativa é um factor determinante na educação dos filhos e não filhos. Por isso, tudo o que puder ser feito por eles é obra deles. Pai Américo traduziu numa forma simples, mas admirável, este princípio, na vida prática: *Obra de Rapazes, Para Rapazes, Pelos Rapazes*. O nosso dia a dia é marcado por este ritmo. Tudo o que estiver bonito, bem arranjado, é obra deles. Tudo o que estiver feio e mal é obra deles também. É uma forma muito simples de exprimir o dinamismo participativo da nossa vida a quem nos visita.

Estamos num período de pausa escolar, durante todo o mês de Maio, devido à realização do Censo da população de Angola. Não sabemos, por isso, os resultados do aproveitamento escolar do primeiro período. Falo neste sector, porque é um dos pontos mais sensíveis da vida dos filhos. A escola implica um dos investimentos humanos mais responsáveis, no campo da educação. Está em jogo o presente e o futuro destes filhos, como dos vossos filhos, também. Daí a necessidade dum acompanhamento muito cuidadoso. Aliás, o segredo do êxito do trabalho educativo está no acompanhamento dos educandos. Que o desânimo não entre em nossas vidas, como um ladrão, para nos roubar o tesouro da Paz e Alegria que nascem da partilha generosa do que somos e temos, até aos limites das nossas possibilidades. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Ensino ou desatino?

COM o corrente ano lectivo a chegar velozmente ao final, como a ventania destes dias cinzentos, depois de mais uma manhã de escola obrigatória, confrontamo-nos com a situação actual e a ocupação de três adolescentes espigadotes, de 14, 15 e 16 anos. Diante da falta de ética de certa mentalidade tecnicista no encaminhamento e na promoção dos mais novos em perigo, um acolhimento desinteressado e gratuito foi a porta aberta para não chegarem a cair na miséria, em momentos difíceis dos seus parentes, fragilizados, tendo encontrado como que uma pequenina tábua de salvação.

No nosso tempo, vai-se reflectindo sobre a questão das crianças e dos adolescentes (ditos jovens) em risco. Há dias, tivemos oportunidade de escutar mesmo um Juiz dissertar sobre esta matéria candente, em que sublinhou a importância da qualidade da infância na qualidade de uma sociedade. Não há dúvidas a este respeito, no qual todos os agentes da educação dos mais novos devem estar envolvidos, no sentido de prevenir e tratar precocemente situações de desorientação. Contudo, como um vedor à procura de veios de água, urge cavar mais fundo e tentar perceber melhor as causas das coisas.

É notório que sendo a família natural o pilar fundamental do desenvolvimento humano, embora posto em causa por uma mentalidade suicida, o seu papel gradualmente tem sido ocupado pela escola e por todo o ambiente social e de redes sociais em que os mais jovens estão envolvidos. Se a frequência escolar para todos é inquestionável, não pode ser negligenciado que o ser humano maduro desabrocha de uma criança ética e não de um robot técnico. Vem acontecendo uma certa desumanização, nas sociedades pós-industriais, em que o consumismo, a normalização e a exploração desenfreada de matérias-primas têm pervertido as relações humanas quotidianas, a economia e o ambiente. Está, por isso, em causa uma educação para os verdadeiros valores que fundamentam a vida das comunidades.

Neste aspecto, questionamos que modelos de família e de instrução se perspectivam para a sustentabilidade social. Se os desvios da família natural comprometem o equilíbrio humano, não nos podemos eximir de pôr em causa ainda algum desnorte a que se chegou na educação escolar. E, neste âmbito, lamenta-se a extinção do antigo ensino técnico, pelos prejuízos pessoais e sociais que tem acarretado. Se uma boa parte dos mais pobres não tinha acesso à escola, isso não implicaria destruir escolas apetrechadas e orientadas para o mercado de trabalho que ajudaram muitos jovens a encontrar o seu lugar no contexto socioeconómico. Questionamos, então, se não se terá caído noutras desigualdades? Com as evidentes actualizações às exigências dos novos tempos, esta via de ensino não terá passado de moda. Porque será que o sistema de ensino actual, obsoleto e inadaptado, ao crescimento integral dos adolescentes, impede que alunos e alunas, a partir do 6.º ano de escolaridade, sigam os rumos mais adequados para os seus talentos?

Os três Rapazes, de que partimos para estas lucubrações, entre outros a crescer, são exemplos flagrantes disto mesmo. Em sua Casa, nessa tarde, em complemento escolar, puderam tratar de animais, de madeira e da cozinha; porém, isso não chega, se vão patinando no ensino generalista até serem grandes, em altura... Temos imensa pena que gente proveniente de meios pobres, com deficit cognitivo e emotivo, não possa (legalmente!...) ser encaminhada para as áreas onde os seus dons sejam mais úteis e nos quais se podem realizar. Não vemos que uma mentalidade de pseudo-sucesso, regressada a quadros de honra, pretenda atalhar caminho e integrar as margens, uma vez que são elas que sustentam as páginas das sociedades. Está, assim, em causa o direito à educação (instrução) de muitas crianças e adolescentes que não podem participar na alta competição (escolar, dita regular), mas que poderiam ser bons e indispensáveis em áreas da economia do nosso País. Todavia, correm sérios riscos de se tornarem dependentes e mais pobres num Estado social que cada vez mais tem menos para dar. Vem mesmo ao caso que alguns destes filhos, com consultas obrigatórias, até nas taxas moderadoras têm sido penalizados. Uma boa forma de promover os mais novos pobres, de afectos, cognitivos e motores, será mesmo deixá-los mostrar o seu coração, o muito que podem e valem os seus talentos. O sistema de ensino que tem vigorado tem-se perdido em programações desadequadas e reuniões infundáveis para tanta riqueza humana que as escolas vêm guardando. Passeantes e desmotivados, muitos adolescentes são presas fáceis e já revoltados, e nem qualificação nem acesso ao mercado de trabalho terão, no futuro.

Somos de opinião, rasteirinha, que um ensino técnico-profissional sério, diversificado, atempado e actualizado poderá prevenir muitos adolescentes e jovens em risco. Correu-se o grave risco, há quatro décadas, de o extinguir sem dó nem piedade. E tarda-se em arriscar mais por esta via, enquanto as consequências dos atalhos e seus trabalhos fragilizam o tecido humano e social, depauperando-o. Haja paciência, coragem e esperança para salvar os rebentos das árvores que estão a crescer, mesmo com fortes ventos primaveris. □